



## Raízes comunicacionais latino-americanas

MARQUES DE MELO, José. História do pensamento comunicacional. São Paulo: Paulus, 2003.

Em sua obra mais recente, *História do pensamento comunicacional*, José Marques de Melo apresenta o percurso histórico do campo da comunicação desde Aristóteles até a “era do ciberespaço”, enfocando principalmente a comunicação como ciência na América Latina e no Brasil. Lançado pela Paulus, o livro reúne artigos publicados e conferências proferidas pelo autor ao longo de sua carreira acadêmica.

A obra divide-se em duas partes. A primeira, intitulada “Cenários”, traz um panorama da gênese e do desenvolvimento do pensamento comunicacional latino-americano, sua dimensão política e as contribuições brasileiras, bem como a constituição das comunidades acadêmicas brasileira e portuguesa e a cooperação luso-brasileira nesse campo do conhecimento. Na segunda parte, “Cenários”, é feito um resgate da formação e atual conjuntura dos grupos comunicacionais gaúcho, do Centro-Oeste e de São Bernardo do Campo, além de um apanhado biográfico analisando a contribuição dos pioneiros no campo comunicacional brasileiro (Frei Caneca, Costa Rego, Carlos Rizzini e Luiz Beltrão) e americano (Raymond Nixon, Elihu Katz, Luiz Ramiro Beltrán e Jesús Martín-Barbero).

Uma das principais idéias defendidas pelo autor é o pressuposto de que “a pesquisa latino-americana sobre comunicação massiva tem privilegiado historicamente a dimensão política. Ela deixa de ser variável cíclica para figurar com ingrediente estru-

tural dos nossos processos comunicacionais” (p. 94). Por meio de um levantamento histórico da pesquisa e dos pesquisadores em comunicação na América Latina da década de 1960 até os últimos anos do século passado, o titular da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional torna evidente que a maior parte dos estudos em comunicação na América Latina tem privilegiado objetos que estão na fronteira entre comunicação e política. Isto se deve às restrições das políticas públicas da história colonial deste continente, que forçou sua população a desenvolver artifícios retóricos capazes de romper os obstáculos impostos pelos senhores coloniais e padrões modernos. “A literatura sobre comunicação massiva assume, portanto, matiz visivelmente político, desde suas origens”. Ainda hoje, nos primeiros anos do século XXI, a “síndrome do espelho” apodera-se dos atores do mundo político e comunicacional, ficando difícil distinguir quem pertence ao mundo da política e quem faz parte dos processos comunicacionais, situação denominada de “androgínia midiática” pelo autor.

Outra característica marcante do pensamento comunicacional latino-americano é o “hibridismo teórico e a superposição metodológica, plasmando uma singular investigação mestiça, representativa da fisionomia cultural latino-americana” (p. 40). A mestiçagem está presente no encontro das tradições européias, meso-sul-americanas, nos costumes africanos, nas novidades vindas dos Estados Unidos, além de contribuições de imigrantes internacionais. O objetivo das produções embrionárias deste campo do conhecimento sempre foi procurar soluções para os problemas surgidos com a implementação da mídia regional. “Os pioneiros da Escola Latino-Americana queriam efetivamente intervir na cena comunicacional dos respectivos países, contribuindo para corrigir distorções e melhorar o desempenho das organizações produtoras de bens simbólicos” (p. 361).

O Brasil desempenhou um importante papel para a legitimação do pensamento comunicacional latino-americano. Paralelamente às idéias forâneas importadas de metrópoles como Paris, Roma, Londres ou Berlim, que aqui chegaram em segunda mão pelas vanguardas portenhas, e também da influência norte-

americana no período pós-guerra, “os pensadores da comunicação no Brasil se integraram plenamente ao ambiente latino-americano, participando da revisão crítica do funcionamento da mídia na região” (p. 135). Contribuíram para essa inserção brasileira no cenário latino-americano as atividades do Ciespal - Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina, localizado em Quito. A influência brasileira só não foi mais intensa devido à dificuldade dos pesquisadores de língua espanhola para se integrar com os estudiosos de língua portuguesa e mesmo com seus textos impressos.

No contexto interno, o pensamento comunicacional brasileiro foi legitimado no último quarto do século passado, com sua institucionalização por meio da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Criada em 1977, a instituição comprometia-se com o “pluralismo teórico, a diversidade metodológica e a liberdade de expressão”, além de ter como características o “internacionalismo acadêmico e a cooperação profissional”. O XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Intercom em Campo Grande (MS) em 2001, representou a inserção de todas as regiões brasileiras no mapa das Ciências da Comunicação e a maturidade acadêmica do País nesse campo de estudos. Atualmente, o principal desafio da Intercomm é “a sistematização do acervo cognitivo aplicado nas indústrias midiáticas, ou estocados nas habilitações profissionais legitimadas pela academia e nas disciplinas conexas das Ciências Humanas e das Tecnologias, construindo um corpo teórico capaz de se tornar evidente, fortalecendo o pensamento comunicacional brasileiro” (p. 243).

E foi justamente com o objetivo de fazer um diagnóstico situacional dos grupos comunicacionais no Brasil, visando ao resgate do campo das Ciências da Comunicação no País, que o autor, em suas atividades docentes nas universidades brasileiras, desenvolveu projetos de pesquisa com seus alunos no Rio Grande do Sul e no Centro-Oeste, resultando em coletâneas que preservam a memória dos principais atores na área da comunicação nas respectivas regiões. Marques de Melo também apresenta o projeto científico do Grupo de São Bernardo do

Campo, composto por pesquisadores e discípulos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Criado em 1978, o referido grupo atinge atualmente a maturidade, priorizando a atualização histórica e o intercâmbio com pesquisadores de outros grupos comunicacionais.

Ainda com o objetivo de resgatar a história do pensamento comunicacional na América Latina e na América de uma forma geral, Marques de Melo faz um breve apanhado biográfico apresentando as contribuições de quatro pioneiros no campo da comunicação no Brasil e quatro na América. Entre os brasileiros figuram Frei Caneca, apresentado como precursor da teoria brasileira da comunicação; Costa Rego, o primeiro catedrático de jornalismo; Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos; e Luiz Beltrão, pioneiro das ciências da comunicação com a sua tese sobre folkcomunicação. Entre os americanos estão Raymond Nixon, o norte-americano artífice da comunidade internacional dos midiólogos; Elihu Katz, inovador da escola norte-americana com a teoria de usos e gratificações; Luiz Ramiro Beltrán, boliviano pioneiro da Escola Latino-Americana com suas idéias sobre as políticas nacionais de comunicação e suas estratégias de comunicação para o desenvolvimento; e Jesús Martín-Barbero, pesquisador espanhol considerado inovador da Escola Latino-Americana devido ao amplo conhecimento da nossa complexa realidade comunicacional, “onde mídia massiva e cultura popular se hibridizam criativamente”.

Mas o cerne da obra de Marques de Melo encontra-se na crítica aos pesquisadores latino-americanos no campo da comunicação que, segundo ele, muitas vezes preferem utilizar modelos vindos do exterior, em sua maioria inadequados à realidade do nosso continente, em vez de privilegiar o pensamento produzido por pesquisadores locais e regionais. Desta forma, jovens mestres, numa tentativa de demonstrar erudição e atualidade, induzem seus alunos a conhecer com mais profundidade as idéias exógenas, relegando a segundo plano ou mesmo conduzindo ao esquecimento os trabalhos feitos por seus predecessores latino-americanos. “A Escola Latino-Americana de Comunicação -

Elacom é hoje uma corrente de pensamento legitimada internacionalmente. Ela tem sido privilegiada como tópico de análises em universidades da América do Norte. Da mesma maneira vem sendo escolhida como objeto de estudos em revistas científicas européias. Mas corre o risco de ser tragada pela espiral do esquecimento em seu próprio território. Trata-se de fenômeno típico das sociedades periféricas. Corroídas pelo complexo do colonizado, suas universidades se estruturaram segundo modelos forâneos, deles constituindo muitas vezes espelhos acríticos. Mais grave ainda: seus intelectuais padecem da doença infantil do reprodutivismo deslumbrado, preferindo buscar referências (defasadas ou impróprias) apenas nas fontes do conhecimento d'além fronteiras" (p. 357-358). Resta à juventude de hoje resgatar a importância da pesquisa de teorias autóctones e conceder-lhes o devido reconhecimento.

**Karina Medeiros de Lima**

Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
mestre em Comunicação Social pela Umesp.